2.º Anno — Lisboa, 22 de Março de 1886 — Numero 36

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Eu estou a ver brincar á flôr dos teus labios vermelhos um sorriso malicioso, e a ler nos teus olhos, suavemente azulados, a curiosidade feminil que te devora e impacienta. Bem sei o que tu queres. E's mulher, e não podes fugir á tentação; és filha de Eva e, por mais que faças, não consegues esquivar-te ao imperio das leis do teu sexo.

Ardes em desejos de que te conte os ultimos escandalos; queres que eu seja um linguareiro abelhudo e um delator sem escrupulos de consciencia. Tyranna de saias, acostumada a que todos os *reporters* se curvem diante da tua vontade omnipotente, bates o pésinho minusculo n'um accesso de histerismo agudo, e pretendes que a Chronica venha hoje para aqui, pôr-te em pratos limpos tudo quanto se diz, com reservas ou sem ellas,

DR. BOCAGE

nos colloquios da Avenida e do Chiado. Confessa que adivinhei, e que leio n'esse olhar luminoso como em livro aberto.

Pois minha querida leitora, eu sou de marmore, fica-o sabendo, se o não tinhas descoberto ainda, e não me deixo vencer pelo teu mandato soberano. Oiço, commento com os meus botões, mas sei calar-me prudentemente, depois de ter ouvido e de ter commentado *in mente*. Aprendi a ser assim com o Bom Senso, um santo velhote adoravel, de costumes austeros e rigidos, que já não existe, e que me deu umas lições preciosissimas, quando eu ás vezes descarrilava, arrastado pelos estouvamentos da mocidade leviana.

Fica-te, portanto, sem o prazer de saborear a narrativa picante dos ultimos escandalos,—se os houve—e deixa-me em doce paz com a minha consciencia honesta, que não foi feita de molde para se conspurcar nos meandros da coscovilhice indigena.

Sabes que mais? Lança discretamente um veo de gaze sobre o assumpto, segue os meus processos á risca, e embora oiças besoirar em derredór do teu *ménage*:

si será mentira?
si será verdad?
esto se susurra
por la vecindad...,

como dizem os nossos visinhos de Hespanha, não dês ouvidos ao besoiro da malidicencia, e cala-te. Olha que estamos em plena Quaresma...

D'esta vez chegou tarde, mas chegou emfim, illuminada pelos clarões diamantinos da primavera. Affirmam-n'o, commigo, a melopéa somnolenta e roufenha dos santos padres, que ahi se ouve quotidianamente sob a nave sombria dos templos; a vistosa *étalage* d'amendoas e de *bonbones*, que desafia nas *vitrines* dos confeiteiros a eterna gulodice popular; e a velha procissão dos Passos, que ha tres dias attrahiu, como é de uso immorredoiro, as attenções dos devotos e devotas lisbonenses, desenrolando-se, entre ondas de incenso, desde S. Roque até á capella da egreja da Graça, toda severa nos seus pezados adornos de ouro e purpura.

Presenciaste, de certo, aquella excursão processional da veneranda esculptura, com que um voto qualquer, emittido em remotissimas eras, não sei por quem, nos brinda todos os annos. E' a procissão da nobreza *vieille roche*, d'alvas cans e porte altivo; é a solemnidade religiosa, favorita da nossa fidalguia antiga, da que não podendo já dar á perna nos *cotillons* modernos, só cuida de entregar-se aos santos labores do mysticismo. E' de ver o recolhimento, a tristeza cenobitica e a seriedade imperturbavel com que os velhos fidalgos devotos passeiam pelas ruas de Lisboa a imagem angustiada do Nazareno, n'aquella sua attitude dolorosa sobre o andor alastrado de flores, n'aquella sua *pose* flagelladora, de cruz ao hombro, fronte pendida, e joelho em terra, a distillar aljofres de sangue por todos os poros.

Dir-se-ia que no espirito d'aquelles varões graves e encanecidos não esvoaça já, sequer, o mais pequenino atomo d'uma illusão mundana; que se apagou n'elle o reflexo dourado de todas as alegrias e prazeres da vida; que á força de pensarem nos mysterios divinos, não curam de pôr olhos nas coisas terrestres. E no entanto, as más linguas affirmam que um d'esses nobres devotissimos e respeitaveis, depois de oscular beatificamente o pé da imagem sacrosanta, vae pelos salões da *fashion*, morder com olhares peccaminosos os braços nús das valsistas doudejantes, ou pelos bastidores de S. Carlos, averiguar, segundo os processos d'um santo celebre, se as pernas das bailarinas são authenticas.

Fraquezas!...

E a proposito de S. Carlos:—está por um triz a chegar a Patti, a grande e incomparavel *diva*.

A' hora em que tu leres estas divagações desorientadas d'um chronista bohemio, terá ella sahido do aconchego do seu coupé-leito, fazendo uma figa torta aos criticos deshumanos d'além-fronteiras, e dispondo-se para saborear o nosso pão saloio, n'um almoço pantagruelico do *Grande Hotel de Lisboa*, onde o loiro Schurmann lhe mandou preparar aposentos condignos e feijão branco com orelheira de porco nacional.

Na 3.ª feira, a prodigiosa *estrella* receberá, no seu *boudoir* de hotel, as homenagens do dilettantismo indigena; na 4.ª apparecer-nos-ha, sob os trages andaluzes da Rosina do *Barbeiro*, gorgeiando ao lado do Masini e do Cotogni as provocantes melodias rossinianas; e depois, annuncia-se que nos dará a *Traviata*, com todas as joias musicaes da sua garganta previlegiada e com todas as perolas carissimas dos seus esplendidos adereços de rainha.

E' possivel que a famosa Adelina, seguindo á risca os conselhos do *Gil Blas*, encerre entre nós, com estas exhibições d'um extraordinario talento já no occaso, a sua romanesca e triumphante carreira artistica. Dizem-n'a velha e cansada, farta de glorias e de honrarias. Se assim fôr, o nosso theatro lyrico terá a subida honra de receber nos seus ambitos o canto de cysne d'um prodigio que assombrou o mundo inteiro, de guardar entre os seus bastidores, como n'um phonographo colossal, as derradeiras notas garganteadas por aquella artista incomparavel.

Não me sobeja o espaco para te fallar da primeira do *Duque de Vizeu* em D. Maria, que constituio, talvez, o acontecimento theatral mais notavel da presente epoca; nem da nova *troupe* do Colyseo, onde ha cancanistas desenvoltas como demonios e gymnastas tentadoras como a serpente que perdeu a mãe Eva; nem do luxuoso *Restaurante Avenida*, a grande attracção dos gastronomos elegantes d'ambos os sexos.

Fica tudo isso para a semana, e mais a Patti.

Conversaremos.

C. D.

DUAS JOIAS

(M.)

A luz do teu olhar, pomba querida,
A quem a vê suavisa e regenera:
Por ella eu déra toda a minha vida,
—O' flôr da Primavera.

A luz do teu olhar, pomba adorada,
E' para mim uma reliquia santa:
Venero-a como a hostia consagrada,
E a Virgem sacrosanta.

A luz do teu olhar, astro dos ceus,
Encerra toda um poema luminoso:
Adoro-a como se adorasse Deus,
N'um templo magestoso.

A luz do teu olhar é luz sagrada,
Que minh'alma illumina alegremente,
O' pomba immaculada!
O' astro refulgente!

14—3—86. ABILIO MAIA.

OS SATELLITES DE TELLES JORDÃO

Esses é que eram os algozes, os tyrannos que se tornaram verdadeiramente odiosos.

O major da praça, Bernardino Henriques de Sousa Sodré, fôra um dos que mais tinham machinado para tirar d'ali o governador Simões. Apenas veiu Telles Jordão, sentiu que estava á vontade e que podia fazer quanto quizesse. Foi elle que alta noite acordou os presos para metter uns poucos no horroroso carcere do *segredo*, por uma queixa absurda de uma sentinella. Foi elle que de tal modo implicou com os criados dos presos, que um d'estes ultimos achou melhor despedir o seu criado para que não houvesse mais perseguições por sua causa. Bernardino Sodré propõe e é authorisado por Telles Jordão a ordenar que o criado despedido seja despido ás portas da torre, que lhe descozam toda a roupa, e que o mandem embora depois. Assim se fez e ahi teve o pobre criado, que se chamava Marinho Pacheco, de ir da torre até Oeiras, completamente nú, com a roupa descozida debaixo do braço.

Na torre de S. Julião havia perfeitamente a mania de pôrem os presos em fralda de camiza. A leva de presos, em que ia para a torre João Baptista da Silva Lopes, chegou á porta da fortaleza á meia noite, e debaixo de chuva. Pois apesar d'isso foram despidos, todos, despidos até ficarem em camiza, e ainda assim apalpava-os um granadeiro para ver se traziam alguma coisa pegada á pelle.

As façanhas de Bernardino Sodré eram comtudo insignificantissimas comparadas com as de João da Cunha Maia, alferes de infanteria 13, que foi de certo o mais odioso de todos os satellites de Telles Jordão.

Estreou-se o alferes Maia na noite de 24 de fevereiro de 1829, que foi uma noite de terror para os presos constitucionaes, que não ouviam senão ameaças de morte feitas pelos soldados ebrios que o alferes animava com grandes gargalhadas.

A 17 de maio vieram umas pobres senhoras, filhas do marechal de campo Carlos Frederico Caula, que estava preso e moribundo. Foram infelizmente acompanhadas pelo alferes Maia, que assistiu á visita sentado e insultando com os nomes mais odiosos o velho general e seu genro Manuel Duarte Leitão, a ponto que as pobres senhoras logo se retiraram lavadas em lagrimas e quasi sem terem podido trocar duas palavras com o desgraçado velho, cujos padecimentos estas scenas consideravelmente aggravaram.

Nos dias 23 e 24 de maio teve a Torre grande enchente. Houvera em Lisboa o insignificante movimento, se movimento se lhe pode chamar, que tomou o nome de *paquetada*. Chegára a Lisboa um paquete inglez, e o commandante dissera que a rainha D. Maria II fôra reconhecida pela Inglaterra.

Isto bastou para que houvesse entre os constitucionaes de Lisboa uma tal ou qual agitação, e principalmente entre os presos do Limoeiro, que fallaram em arrombar as portas, e que deram vivas á liberdade, ao verem ondear nas janellas das casas fronteiras lenços azues e brancos. Pouco durou a alegria, e teve funestas consequencias. Na Torre entrou uma carroçada de presos, que encontraram para os receber n'esse inferno um digno cerbéro, o alferes Maia. Metteu os primeiro n'uma prisão provisoria, onde não consentio nem que bebessem agua, nem que fumassem. Levou depois alguns d'elles para uma das prisões alagadas, e, como o primeiro que entrou, ao vêr-se diante de um verdadeiro lago, recuasse espavorido, foi obrigado pelo alferes a entrar á força de pranchadas. Os pobres presos treparam para um degrau mais enxuto, e alli passaram a noite sem dormir, procurando enxugar a prisão com um barril que se lhes dera para lhes servir de retreta.

Este homem era um dos validos de Telles Jordão, que, vendo n'elle um digno executor das suas vontades, lhe confiou a guarda exclusiva das prisões subterraneas. Estreiou-se no seu officio de carcereiro privado, mandando cortar cabellos e rapar barbas e bigodes a todos os presos, e assistio á execução da sua ordem, unica e exclusivamente para a apimentar com gracejos e commentarios de bom gosto, como: *Corta o pescoço a esse pedreiro*, etc.

Achava em tudo pretexto para descompôr e para bater. Davam por engano uma tigela para um certo calabouço, descompunha os que a não queriam receber, e, quando o engano se reconhecia, descompunha-os de novo chamando-lhes ladrões.

Um desgraçado ferreiro de Santarem, chamado José Caetano, levou duas bofetadas por dar aos grilhetas o tratamento de «senhor» e outros levaram igualmente por lhes darem o tratamento de «tu.»

Mandava os presos para o segredo por qualquer motivo e ás vezes sem motivo. Uma vez chega á Torre, vindo de Lisboa, aonde fôra assistir á procissão do Corpo de Deus. Parece que em Lisboa algumas censuras ouvio ao procedimento dos officiaes de S. Julião, de que transpiravam noticias, porque a primeira coisa que fez foi metter no segredo, sem mais nem menos um preso Santa Clara, com quem embirrava mais.

Outro foi para o segredo porque, tendo estado n'uma camarata onde passára fome, ao entrar no seu carcere habitual, começou a comer com sofreguidão sem reparar que estava de costas para o façanhudo alferes. O tenente-coronel de caçadores 5, João Chrysostomo Correia Guedes, que fôra mandado para o subterraneo por ter reagido contra os insultos de um carcereiro Pedrosa, é recebido pelo alferes Maia com a ameaça de o desancar se lhe disser uma palavra. Reage contra a ameaça o brioso tenente-coronel. Apanha uma sova que é tanto mais cruel quanto o infeliz official, só e desarmado no meio de uns poucos de soldados, resiste jogando murros para todos os lados. Foi mettido na prisão á cacetada, e esteve em perigo de vida, tanto mais que o alferes Maia, furioso por ter apanhado alguns socos, atormentou o desgraçado, negando-lhe comida, negando-lhe bebida, negando-lhe tratamento, e obrigando-o a arrastar-se, apezar de estar cruelmente ferido, para sair do subterraneo, quando Telles Jordão se resolveu a consentir emfim que elle se recolhesse ao hospital.

Lembrava-se este Maia de pequeninas torturas, que a ninguem occorreriam. Demos a palavra a João Baptista da Silva Lopes, que, apesar de ter sido uma das victimas, não pode ser accusado de menos exacto, porque escreveu em 1833, quando os seus proprios companheiros de prisão o poderiam accusar de exaggerado, e quando os carcereiros ainda viviam, ou os seus amigos, e poderiam portanto responder, ainda que não fosse senão no estrangeiro. Não o fizeram porém, confessaram pelo contrario os seus crimes, que só tentaram desculpar em 1838, narrando alguns excessos que os constitucionaes praticaram por occasião do seu triumpho, excessos que os poderes publicos logo trataram de reprimir e condemnar, apezar de serem não desculpaveis mas explicaveis da parte de pessoas qee tinham estado sujeitas, durante seis annos, á mais odiosa, á mais implacavel, á mais cega tyrannia.

Oiçâmos portanto o que elle conta:

«Partia este vil e indigno Maia o pão, não só ao meio mas em varios pedaços, que lançava no chão junto aos barris de limpeza, que, por demasiado cheios, sempre trasbordavam; e, quando os presos iam recolher aquelles pedaços, lh'os mandava beijar, descobrindo estes pelo cheiro o caldo em que molhados haviam sido. Quebrava os ovos, e mandava-os apanhar do chão com a terra em que os deitava. As garrafas eram despejadas umas nas outras, passando o azeite para as que de vinho ou de vinagre tinham servido, entornando metade com estes trasfegos, e olhando sempre para dentro da garrafa, a vêr não trouxesse alguma coisa estranha pegada ao fundo; e o que mais provocava riso era vêl-o fazer o mesmo nas botijas de barro. A comida era miudamente examinada; mexida a sopa e arroz com o regatão da bengala que na sua mão trazia, enlameado e sujo: muitas vezes a demorava á porta dos presos o tempo que bem lhe aprazia, deixando-a de proposito arrefecer; e, apenas entrava o jantar, e fechava a porta, logo a tornava a abrir aos gritos de: «Loiça fóra, seus filhos... são bem fidalgos; tão de vagar comem. Vamos, vivo; senão vou-lhes ás costas.» Era necessario obedecer, despejando comer em outras vasilhas de barro de que estavam prevenidos, e, quando á mão deixavam de as encontrar, lançava-se sobre as taboas das barras, para depois com mais socego comerem. A roupa, que da lavadeira ou de Lisboa vinha, era amarrotada, pisada aos pés, arrastada pelo chão; de sorte que a maior parte das vezes se recebia mais suja do que cada um a mandava, e não poucas rasgada, quando não faltava toda ou alguma que por acaso era restituida. Costumava este desalmado mandar tirar o papel em que as onças ou meias de tabaco de fumo são embrulhadas, mettia-as no fundo das alcofas de carvão, que em boa fé cada qual recolhia; d'alli a pouco abria a porta, pedia a alcofa do carvão, fazia-a despejar no chão, encontrava-se o tabaco ou charutos, seguia-se a descompostura de «ladrões, canalhas do diabo, querem ficar com o que não é seu,» e pancada sempre no que menos ligeiramente se recolhia. Tudo era misturado, e por acinte confundido: assucar com pimenta moida, manteiga com velas de cebo quasi sempre partidas, rapé com pimenta, chá ou café com metades de limão ou laranjas, porque nem estas fructas deixavam de ser partidas, assim como os ovos.»

Era assim que se distrahia do tedio da vida de guarnição este gracioso alferes do exercito do sr. D. Miguel.

PINHEIRO CHAGAS.

MARTHA

(Excerpto d'um conto inedito)

Era lindo ver as duas
A brincarem, saltitando,
—Mariposas voltejando
Do jardim, por entre as ruas—
Ora rindo, ora gritando,
Era lindo ver as duas.

Quanta vida lhes trazia
O aroma de cada flôr!
Que beijos cheios d'amor

A folhagem lh'imprimia!
Do sol o vivo calor
Quanta vida lhes trazia!

Laura, a mais velha, que encanto;
Sempre viva, sempre rindo,
Adorava-se em ouvindo
A sua voz, o seu canto...
E tinha um rosto tão lindo
Laura, a mais velha, que encanto!

Martha, em tudo differente,
Era mais terna tambem;
Aquelles risos não tem
Embora quando contente...
Mas era o enlevo da mãe,
Martha, em tudo differente!

Eram ambas pequeninas...
—Dois raios soltos d'aurora
Brilhando no mundo agora
Em essas almas divinas
Com que a natura s'enflora—
Eram ambas pequeninas...

Almas ainda engastadas
N'um puro e limpido azul,
Tornando o viver taful
A vossas mães dedicadas,
Do mundo, enorme paúl
Como vos qu'riam salvadas!

A. Meirelles de Lemos.

PELO CARNAVAL

(CONCLUSÃO)

—Mas...

—Ouça ainda. Mais tarde teve a felicidade de conhecer que V. Ex.ª punha em grave risco o meu systema nervoso! Sem mais delongas, affastei-o, firmemente convencida de que d'ahi por diante nada mais haveria de commum entre nós. De repente chega-me ás mãos uma carta sua, em que me convidava a ir a um baile publico! Ainda que achasse o convite sobremaneira original, acceitei-o, pela simples rasão de que sou mulher e V. Ex.ª despertava-me a curiosidade, fallando-me em certos segredos... que ainda estou para saber quaes são!... Para coroar a farça, pois que outro nome não merece o seu procedimento, faz-me abandonar o singular local onde me marcára o encontro, e arrasta-me a um gabinete de *restaurant*, depois do supplicio de uma hora de *fiacre*!... Bem vê, torna-se necessaria uma explicação para todos estes enigmas, e julgo-me com direito de lh'a exigir!

—Pois, minha senhora, reconheço a justiça da petição, e eu dar-lh'a-hia da melhor vontade, se isso coubesse nos limites do possivel!... Comtudo, sempre lhe posso dizer uma cousa. E' que V. Ex.ª foi e está n'este momento sendo victima de um engraçado *qui-pro-quo*!... Avalie!...

E o marquezinho, juntando a palavra ao gesto, tornou visivel um d'esses rostos de cherubim, que involuntariamente nos fazem lembrar os graciosos pagens de opera comica.

Margarida, ao reconhecer o marido, soltou um grito.

—Santo Deus, lá lhe vae dar um attaque de nervos!... Demonio, fiz isto muito depressa!... Sou um desastrado!

E correu para a marquezinha.

—Não é nada... já passou!... Effectivamente estava tão longe de esperar...

—Que um outro se encarregasse de substituir o tal senhor Raul, que V. Ex.ª tanto odeia?!...

—Exactamente.

—Surprezas do auctor! .. E vejamos, que tal vae achando a comedia?...

– Um poucochinho mais interessante que ainda agora!...

—Logo, não lamenta a troca?...

—Nem penso em tal!

—E não se retira?

—Não.

—E' adoravel!

—Diga antes, infeliz!...

—Infeliz!... Será possivel?...

—Sim... mas sinto passos. Depois lhe direi tudo.

Trouxeram a ceia, um mundosinho de maravilhas culinarias, muito cheias de appetite e guloseima e perfeitamente á altura de satisfazerem todas as exigencias do mais valente gastronomo.

—Mas esta mulher é um enigma vivo!... pensava o mancebo. Aquella veste sombria occultará uma Messalina ou uma Vestal?! Será um portento de virtudes ou um demonio eivado de vicios?!... O que estou vendo é que ainda não dei um passo para a conquista d'este prodigio mascarado! Estou tão adiantado, como no principio!... Vamos, é preciso possuil-a...

O creado, um espertalhão que conhecia de cór os segredos do officio, muito ceremoniatico na sua casaca dos jantares solemnes, perguntou, sorrindo, se desejavam mais alguma coisa.

A um signal do marquez, retirou-se discretamente.

Os dois jovens ficaram novamente sós. Estavam ambos sentados n'um divan, e o mancebo apertava com enthusiasmo as mãosinhas patricias do dominó preto.

—Vamos, minha querida, a ceia espera-nos e eu estou com uma fome de caçador! Suponho que não persistirá em conservar essa mascara importuna, agora que vamos para a meza!

—Sinto-me por emquanto com poucas disposições para a mesa. Preferiria continuar a conversação de ha pouco!..

O marquezinho dissimulou o melhor que poude uma careta, porque o magnifico cheirinho dos acepipes que tinha bem perto de si, produzia n'elle uma especie de supplicio de Tantalo. No organismo do nosso voluvel mancebo tinha, porém, mais imperio a febre dos desejos do que todas as affecções do tubo digestivo! Por isso, rodeiou com o braço a flexivel cintura de Margarida, e puchou-a docemente para junto de si.

—Minha louquinha, estou disposto a ouvir tudo quanto disser essa tua boquinha de anjo, mas é preciso que me desvendes primeiro o rosto! Não vês que estou ancioso por disfructar completamente os teus encantos arrebatadores?!... Para que persistes n'esse inutil capricho de querer occultar o que facilmente se adivinha?... Porventura esses olhos, que irradiam mil fascinações atravez os orificios da mascara, essa voz suave e modulante como o canto do cysne, esta mãosinha grega, que tenho a ventura de apertar entre as minhas, não presuppõem um rosto incomparavel?!...

—Eia, o que por ahi vae, Deus da minha alma!... Se continua assim, começo a acreditar que perdeu o juizo!... Supplico-lhe que socegue, senhor exaltado; ponha por um momento de parte o seu arsenal de galanteador, que será mais vantajosamente applicado quando dirigido a uma mulher realmente encantadora! Eu tanto posso ser formosa como feia, e o senhor não tem a certeza nem d'uma nem de outra coisa!

E fallando assim, desligou-se suavemente dos braços do marquezinho que, como se vê, ia pondo em segundo logar os prazeres gastronomicos.

—Mas, dizia-lhe ha pouco que era infeliz!

—E eu repito-lhe que é coisa que custa a crêr!

—Não obstante, é a verdade. A minha infelicidade data desde o dia em que jurei, perante o altar, pertencer a um homem!...

—Casada!!... exclamou boquiaberto o mancebo, que cada vez achava mais interessante a aventura.

—Melhor seria que o não fosse!...

—Mas então, seu marido...

—Engana-me! .. Esquece-se de mim nos braços mercenarios de ambiciosas, que lhe affagam a vaidade com caricias mentidas!...

—Que crueldade!... E' preciso que esse homem tenha uma venda nos olhos, para sacrificar assim a belleza ..

—Não acha altamente reprehensivel o procedimento de meu marido?

—Reprehensivel ! Eu acho até indigno, abjecto, torpe, miseravel!... Seu marido pratica um crime de lesa-formosura, é portanto um infame!... Mas escute. A vingança é o prazer dos deuses! Porque não se vinga?... Olho por olho, dente por dente!...

—Já pensei n'isso e cheguei mesmo a pôr em pratica o meu pensamento. Mas dei-me muitissimo mal, e o senhor tem d'isso a prova na maneira aspera com que ha pouco o tratava, confundindo-o com Raul.

—Então...

—Só me resta o supremo recurso, o divorcio!...

—Sim, o divorcio!... E depois a felicidade de nós ambos!... Porque, será preciso dizer-te?... Amo-te!... O dominó desfechou uma gargalhada nervosa, inclinando a cabeça para traz. Com este movimento, a mascara despreudeu-se, e o mancebo, ao reconhecer o rosto encantador da marqueza, levantou-se de um salto, e só teve forças para exclamar:

A senhora!!...

Graciosa, soberba, risonha, radiante como a fada da belleza, a joven marquezita respondeu:

– Sim, sou eu, querido marquez, e confesso-lhe que estou com bastante curiosidade de saber se ainda continua a amar-me!...

N'este momento, Margarida estava deslumbrante. No setim da cutis, alva como lyrio, esboçavam-se as duas petalas das faces, levemente rosadas; os formosos labios nacarados, erguendo-se n'um sorriso arrebatador, desmascaravam uma dupla muralha de eburneos dentes; os grandes olhos, banhados de languidez, eram provocantes sob as bem talhadas sobrancelhas escuras como o ebano; os cabellos opulentos e setinosos, que ella soltára dos laços, desciam-lhe ondulantes pelos hombros, attingindo a curva elastica da cintura.

O marquez não respondera ainda á graciosa interpellação de sua esposa.

Estava abysmado!... Afinal fôra elle que cahira na rede!...

Por mais que parafuzasse não podia comprehender o con-

JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE PINTO

CAETANO D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

curso de circumstancias que o tinham levado áquelle *tête-à-tête* imprevisto com a esposa, n'um gabinete reservado!... Aquillo era simplesmente horrivel!... Margarida n'um baile de mascaras, prestando-se a acompanhar o primeiro *quidam* que lhe apparecesse, mettido n'um dominó!...

Ah!... Certamente áquella hora, a sua dignidade, menosprezada por aquella vil, servia de pasto ao escarneo da sociedade, depois de retalhada pelo bisturi desapiedado da chronica escandalosa!

—Roubaram-m'a, roubaram-m'a, dizia elle, o fidalgo sceptico e dissoluto, para quem a innocencia era um brinquedo e a virtude uma utopia, muito convicto de que a dignidade e a devassidão são duas cousas perfeitamente compativeis.

Subitamente occorreu-lhe um novo pensamento, que lhe desanuviou a fronte.

E se tudo aquillo não fosse verdade?

Quem lhe diria que aquelle Raul não era um ente phantastico?...

A Margot inventára aquella comedia com o fim de experimental-o e elle incumbira-se de se deixar cahir na ratoeira, como um completo idiota.

Então, olhou para sua esposa, quasi risonho!

Já o dissemos, Margarida estava deslumbrante, tão deslumbrante que o marquez não poude deixar de estremecer.

Aquelle olhar sublime que ella lhe dardejava e ao qual a triplice influencia do amor, da seducção e da arte feminina dava

TOCADOR D'ALDEIA

um não sei que de soberanamente irresistivel, deixou-o por assim dizer desarmado. E' preciso dizel-o, o marquezinho nunca amára Margarida, talvez pela simples rasão de que lhe assistia o dever de a amar!

O seu casamento—um casamento de conveniencia—não o impedira de proseguir nas suas libertinagens de rapaz solteiro.

Fugia do lar, trocando o suáve convivio da esposa pelas blandicias friamente calculadas das mundanas que vivem da cegueira dos homens, fonte do metal reluzente, que é a sua unica idolatria.

Por isso elle quasi que desconhecia a mulher a quem unira o seu destino.

Era n'estas circumstancias que ella lhe surgira, como o lyrio dos pantanos, n'um meio prostituido pelas bachanaes do *demi-monde*, de que elle fôra o laureado amphitryão!

Que differença entre aquelle poema vivo de amor e de belleza, que era muito seu, e todas essas raparigas venaes que lhe riam estrondosamente na cara, depois de lhe arrancarem a bolsa!... D'um lado a pureza, o amor com todos os seus enlevos, a formosura nativa que prescinde da chimica dos *boudoirs*; do outro o vicio, a perdição, a belleza apparente, feita de *veloutine* e carmim!...

Aquelle estranho olhar de Margarida punha-lhe o sangue em ebulição, estonteava-lhe o cerebro, dominava-o!

No espirito ainda não totalmente embotado do marquez, operava-se a transformação, uma transformação salutar de idéas e sentimentos.

Aproximava-se passo a passo de sua esposa, tremulo, hesitante, receioso...

Depois, quando já estava sufficientemente proximo, dobrou o joelho e confundindo o seu olhar com o olhar doce e profundo de Margarida, exclamou meigamente, com a voz debil do sonhador:

—Perdôa, Margot!...

. . . .

Eram novamente noivos, mas d'esta vez noivos a valer!..

DUARTE CID.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 34)

IV

A governante

E a velha fôra boa propheta. D'ali a nada parava á porta da casa da rua das Damas outra carruagem.

As duas, assustadas, correrem á janella.

—Seria outra vez o mesmo? receiavam.

Não era.—Era uma carruagem de praça com o Fonseca.

Effectivamente a providencia protegia aquella pouca vergonha, como dissera a creada.

O Fonseca apeiou-se, disse ao cocheiro que esperasse e subio a escada n'um pulo.

Vinha extremamente pallido, com um ar embaraçado, e uma expressão descontente.

A desconhecida esperava-o no alto da escada e lançando-se-lhe ao pescoço n'uma grande expansão dramatica, desatou a chorar silenciosamente.

— Então o que foi isto, Antonina, o que aconteceu? perguntou o Fonseca, fazendo grandes esforços para dar ás suas palavras um tom carinhoso, para dominar o mau humor irritado que se apossara d'elle ao ler no escriptorio a carta de Antonia que transtornava completamente toda a sua vida.

—Meu marido sabe tudo, e expulsou-me de casa, respondeu Antonia ou Antonina.

—Mas como foi isso? Conta-me tudo...

—E' melhor entrar, senhor, é melhor entrar, aconselhou a velha... A visinhança está já alvoroçada com esta dança de carruagens e póde estar por ahi á escuta.

Os dois obedeceram, e chegados ao gabinete de Fonseca, Antonia contou rapidamente como se dera a catastrophe.

—Meu marido tinha-me dito hontem que ia ao Porto, como eu te contei. Fez a mala, despediu-se e sahiu. Eu mandei-te dizer que ficava só, que podias ir lá, e tu foste.

—Sim, mas momentos depois d'eu entrar bateram á porta. Era teu marido, e eu saltei pela janella do rez-do chão para o jardim, e sahi sem ninguem me ver.

—Sahiste, mas meu marido não voltou a casa por bom. Nós imaginámos que fosse alguma coisa que lhe tivesse esquecido, que o fazia voltar atraz, mas não foi. Foi de caso pensado, foi de proposito. A sua ida ao Porto tinha sido um laço, uma armadilha, em que eu cahi como uma idiota. Meu marido tinha recebido cartas anonymas, penso eu, andava desconfiado e lançou mão d'essa falsa ida ao Porto para se certificar se era ou não verdade o que lhe denunciavam.

—Mas elle sabe que sou eu? perguntou enfiadissimo o Fonseca.

—Não sei. Creio que não, porque elle veio agora mesmo procurar-te aqui...

—O que? Elle veio cá a casa? disse o Fonseca fazendo-se de repente muito vermelho.

—Veio n'este instante: eu até estava a tremer que elle te encontrasse pelo caminho.

—Mas então sabe elle tudo, estamos perdidos,

— Creio que não. Se soubesse que eras tu não era natural vir procurar-te a tua casa. Para que?

—Tens rasão, ponderou o Fonseca um pouco mais socegado... Mas então o que se passou depois de eu sahir hontem do teu quarto?

—Eu te conto. Mas deixa-me primeiro coordenar as minhas reminiscencias. Se soubesses o que tenho passado desde hontem. Ai! minha pobre cabeça!

E Antonia passou repetidas vezes as mãos pela testa, como que para afugentar a confusão que lá dentro lhe barulhava todas as idéas.

—Vamos, Antonina, então! consolou por consolar o Fonseca. Animo! O que se lhe hade fazer? Isto era inevitavel.

E antes de proseguirmos, uma pequena explicação; temos chamado á protogonista d'esta scena Antonia, e o amante trata-a por Antonina.

E' que o primeiro nome do Fonseca era Antonino, e logo aos primeiros dias dos seus adulteros amores Antonia, chrismou-se com o nome do seu amante, e Antonia para toda a gente, ficara sendo sempre para elle Antonina.

Depois de uma ligeira pausa, Antonia contou então precipitadamente como se passara a scena.

Ao sentir bater á porta e adivinhando logo a terrivel verdade, isto é que áquellas horas só quem podia bater a porta era seu marido, seu marido que ella julgava em viagem, mas que por qualquer motivo, desde a mais simples fatalidade do acaso até á mais tragica premeditação da desconfiança, voltára átraz ao sentir bater á porta, Antonia fizera fugir o seu amante pela janella que do seu quarto de dormir deitava rez-do-chão para o jardim, jardim que tinha uma porta salvadora, que bastante lhe servira nos seus amorosos e presistentes amores.

Effectivamente quem bateu fôra seu marido, que entrando como um tufão pela casa dentro, se dirigiu logo ao seu quarto de casados.

Antonia sentiu-lhe os passos, abriu á pressa o ferrolho que tinha corrido, apagou a luz, e metteu-se dentro da cama, fingindo-se profundamente adormecida.

Foi exactamente isso que a perdeu. O marido entrou e chamou-a. Ella não respondeu. Accendeu um phosphoro e viu que a vela tinha sido apagada n'esse mesmo instante, reparou que a janella do jardim estava apenas cerrada, mal cerrada, e que as cortinas ondulavam ainda vagarosamente da forte sacudidella que dera o Fonseca na precipitação da fuga. Comprehendeu logo que o somno de sua mulher era um fingimento e adivinhou o que se passára. Demais, no quarto havia um aroma violento de charuto, uma atmosphera impregnada de fumo, e a um canto, sobre uma cadeira estava uma luva de homem, que não era sua.

Então, desabridamente abalou sua mulher para a fazer despertar do somno pesadissimo que fingia e puchou para baixo a roupa da cama.

A toilette em que sua mulher dormia, foi a ultima prova de que tudo que pensava era perfeitamente verdadeiro.

E cego de colera, louco de indignação, ia lançar as mãos ao pescoço d'aquella miseravel que tão vilmente o deshonrára.

Ella pareceu presentir a aggressão e fugiu habilmente.

Entre os dois houve então uma scena tragica e ao mesmo tempo grotesca. Elle, de chapeu alto na cabeça, casaco com a gola levantada, faiscando indignação dos seus olhos muito abertos, com os labios cheios d'espuma, crescendo para ella ameaçador, terrivel e de calças arregaçadas, ella fugindo por todo o quarto em camisa, colete de setim negro cheio de rendas elegantes, meia de seda bordada e *pantoufle* graciosa, com os braços nus, os cabellos desgrenhados, e o rosto completamente desfigurado pelo enorme terror que d'ella se apossára.

—Luiz! Luiz! disse ella, perdoa-me! Ouve-me!

— Desavergonhada, desavergonhada, urrava elle erguendo os pulsos crispados, heide dar cabo d'essa raça maldita.

Por fim, passado um quarto d'hora d'este jogo das escondidas, Luiz serenou.

O momento terrivel d'allucinação passára: cedera logar á fria reflexão, ao raciocinio austero, implacavel. O marido ultrajado, que queria vingar-se, desappareceu diante do juiz severo e inexoravel que julgava—não vingava, não desafrontava—punia.

—Socegue, senhora, disse-lhe elle, não tenha medo, não lhe farei mal algum. Foi um momento de exaltação, já passou.

E no seu olhar, na sua voz, no seu rosto lia-se que era ver-

EM TIROCINIO PARA MÃE DE FAMILIA

dade o que elle dizia, que dentro d'aquelle espirito se operára uma revolução completa, enorme.

Ella então, perdendo o medo da morte, começou a nutrir a esperança de ainda poder fazer face á tempestade, de conseguir ainda enganar aquelle homem que tanto a amara.

E correu a lançar-se-lhe melodramaticamente a seus pés, soluçando:

—Perdão! Perdão! Não me condemne sem me ouvir! Eu não tenho tanta culpa como tu imaginas. Fui leviana, confesso-o, mas criminosa não, juro-o.

—Jura-o por nossa filha, que dorme ali dentro tranquilla, emquanto a senhora aqui lhe anniquillava o seu futuro, a sua felicidade?

– Ju... começou ella a dizer depois de um momento de hesitação.

—Cale-se! ordenou n'um grito estridentissimo, cale-se, prohibo-lhe que continue. Se acaba esse juramento falso, eu é que lhe juro que lh'o afogarei ao sahir da garganta.

E lançou-lhe brutalmente as mãos ao pescoço.

Antonia desatou a chorar silenciosamente.

Essas lagrimas acalmaram o marido ultrajado, que largando-a, continuou n'outro tom mais sereno, mais tranquillo, mas não menos terrivel.

—Entre nós está tudo acabado. Para sempre!

—Luiz, não sejas inexoravel!

—Para sempre! repetiu elle com uma profunda convicção. A'manhã sae de minha casa...

—E minha filha?

—A senhora não tem filha, nem marido, como sua filha não de hoje em diante não tem mãe, como eu não tenho esposa.

—Ai meu Deus! meu Deus! soluçou Antonina.

—Nunca mais appareça no meu caminho, nunca mais tente sequer vêr sua filha. Fóra d'isto faça o que quizer, vá viver com o seu amante, que nem quero saber quem é, fique em Lisboa, faça plenamente o que fôr da sua vontade. Eu não tenho nada mais comsigo porque a expulso de minha casa, porque a despeço como se despede uma criada que nos rouba...

—Luiz! Isso não póde ser! Tu és bom!

—Nem mais uma palavra. Bem vê que não estou exaltado, estou com todo o meu sangue frio. D'este momento em diante não a conheço, não sei quem é, a minha mulher a mãe de minha filha morreu!

(Continúa.)

GERVASIO LOBATO.

SONHO DE PLATÃO

(VOLTAIRE)

Platão sonhava muito, e depois d'elle não se tem sonhado menos. Um dia sonhou que a natureza n'outro tempo fôra dupla, e que, em castigo das suas faltas, ficara dividida em masculina e feminina.

Provára que não pode haver mais de cinco mundos perfeitos, visto que em mathematica só ha cinco corpos regulares. A sua *Republica* foi um dos seus grandes sonhos. Sonhou tambem que o dormir procede da vigilia e que a vigilia é a consequencia de haver dormido, e que os eclipses deslumbram quando não sejam vistos n'uma superficie liquida.

Os sonhos davam n'aquelle tempo uma grande reputação. [1]

Eis um d'esses sonhos, que não é dos menos interessantes. Parecia lhe que o grande Demiourgos, o geometra imorredouro, depois de ter povoado o infinito de inumeros globos, quiz experimentar a sciencia dos genios que haviam sido testemunhas das suas obras. Deu a cada um d'elles um pedacito de materia para que a arranjassem, como Phidias e Zeuxis teriam feito com os seus discipulos, encarregando-os da execução de estatuas e de quadros, se é permittido comparar as coisas pequenas ás grandes.

A Démogorgon pertenceu um bocado de lodo a que se chama a *terra*; e, depois de lhe dar a forma que hoje tem, pretendia ter feito uma maravilha. Julgava que faria calar a inveja, e esperava elogios, dos seus proprios collegas; ficou muito surprehendido ao ser recebido por elles com apupos.

Um d'elles, que era um gracejador do mau gosto, disse-lhe: «Realmente fizestes um bom trabalho; dividistes o vosso mundo em dois e pozestes um grande espaço d'agua entre os dois hemispherios, a fim de que não podesse haver communicação entre elles. O frio dos vossos dois polos deve gelar, e na vossa linha equinocial o calor matará.

Formastes prudentemente grandes desertos de areia, para que os viajeiros, ao atravessal'os, morram de fome e de séde. Gosto dos vossos carneiros, das vossas vaccas e das vossas gallinhas, mas francamente não gosto muito das vossas serpentes e aranhas. As vossas cebolas e alcachofras são bellas coisas; mas não comprehendo por que motivo cobristes a terra de tantas plantas venenosas, a menos que não tivesseis o designio de envenenar os seus habitantes. Parece-me além d'isso, que formastes trinta especies de macacos, muitas mais especies de cães e somente quatro ou cinco especies de homens; é certo que d'estes a este ultimo animal isso a que chamaes *razão*; mas em consciencia essa razão é muito ridicula e parece-se muito com a loucura; creio, outrosim, que não prestastes grande attenção a este animal de dois pés, visto que lhe d'estes tantos inimigos e tão poucos meios de defesa, tantas doenças e tão poucos remedios, tantas paixões e tão pouco siso.

Não quereis apparentemente que haja muitos d'esses animaes sobre a terra; porque, sem contar os perigos a que os expondes, de tal forma calculastes este caso, que um dia as bexigas dizimarão annualmente e com regularidade a decima parte d'esta especie, e que a irmã d'esta epidemia envenenará a origem da vida nas nove partes restantes; e, como se isto não fosse bastante, de tal arte dispozestes as coisas, que a metade dos sobreviventes pleiteará e a outra matar-se-ha; elles ficar-vos-hão, sem duvida, muito obrigados, e vós fizestes n'essa obra uma maravilha.»

Demogorgon córou; comprehendeu que havia defeitos moraes e defeitos phisicos no seu trabalho; mas sustentava que o bem era superior ao mal.

«E' facil criticar, disse elle; mas pensaes que é muito facil fazer um animal que seja sempre justo, livre, e que nunca abuse da sua liberdade? Julgaes que, quando temos de fazer multiplicar nove ou dez mil plantas, possamos facilmente impedir que algumas d'essas plantas tenham qualidades nocivas? Imaginaes acaso que com uma certa quantidade de agua, de areia, de lodo e de fogo, podemos deixar de ter mar e desertos? Acabaes, senhor motejador, de arranjar o planeta de Marte; veremos como vos desempenhastes d'essa obra e o bello effeito que produzirão as vossas noites sem lua; veremos se não haverá entre os vossos animaes nem loucura nem doença.»

Com effeito os genios examinaram Marte e atacaram rudemente o zombeteeiro. O genio respeitavel que amassára Saturno não foi poupado: os seus collegas, os fabricadores de Jupiter, de Mercurio e de Venus, todos censuraram.

Escreveram-se grossos volumes e folhetos; fez-se espirito, cantou-se, ridiculisaram-se mutuamente, os partidos azedaram se; emfim, o immortal Demiourgos impoz silencio a todos. «Fizestes, disse-lhes elle, coisas boas e coisas más, porque tendes muita intelligeecia, e porque sois imperfeitos: as vossas obras durarão apenas algumas centenas de milhões de annos; depois d'isso, quando fordes mais instruidos, fareis melhor: só eu posso fazer coisas perfeitas e immortaes.»

Eis o que Platão ensinava aos seus discipulos. Quando acabou de fallar, um d'elles disse: *E em seguida despertastes...*

Trad: LORJÓ TAVARES.

[1] Voltaire divertia-se algumas vezes á custa de Platão, cujas theorias confusas, consideradas sublimes antigamente, prejudicaram a humanidade mais do que se imagina.

Platão e Aristoteles, depois de serem por muito tempo objecto d'uma especie de culto, haviam de tornar-se quasi ridiculos aos primeiros clarões da sã philosophia. Eram conhecidos pelos seus erros e por algumas chimeras que serviam de base a absurdos sem numero.

E' contra essas chimeras só que Voltaire se insurrgia ás vezes, entendendo que o respeito devido ao genio de Platão ou de Aristoteles não o deviam impedir de fazer rir os seus leitores, ridiculisando taes absurdos.

A CONCHITA

De tempos a tempos, apparecem em Lisboa uns typos das ruas, muito originaes, uns exemplares unicos que não deixam reproducção, que partem, como chegaram, sem se saber por que caminho. E' um vendedor ambulante que sae á evidencia pelo seu pregão exquisito, um tocador de realejo ou flauta, que chama a attenção pelo seu aspecto romantico, um prestidigitador que reune nas praças publicas uma multidão de curiosos, que o admira boquiaberta, sempre, emfim, um desgraçado ou pantomimeiro expellido á admiração publica por essa enorme familia dos miseraveis.

Lembram-se da Conchita? do seu pregão vigoroso atirado em notas agudas que se partiam em estilhaços vibrantes, e iam dominar toda a marcha vital tocada sobre o macadam das ruas e murmurada confusamente por toda essa multidão que passa? Lembram-se d'esse pregão exquisito, d'uma frescura encantadora de virgem, que se prolongava por todo o Chiado e ia morrer no espaço, como as ultimas notas de uma canção tyroleza, perdendo-se ao longe no recorte caprichoso de alcantiladas montanhas?

Lembram-se d'essa deliciosa creança que, ha quatro annos talvez, appareceu pelo Chiado, rua Nova do Carmo e do Oiro, com um vestidito de velludo preto, já muito usado, que lhe chegava só aos joelhos, um lenço vermelho atado com uma elegancia despretenciosa na sua cabecita redonda, e um cabaz cheio de pastilhas suspenso dos hombros?

Lembram-se d'essa bonita hespanhola de nove annos, gorda, de cabellos castanhos, olhos negros e bocca rasgada? d'essa pequenina creatura que tinha um poema no olhar, um cantico nos labios e um drama, talvez, no coração? d'esse ente tão tenro, tão alegre, tão delicioso, que era um appetite na sua desenvoltura e vivacidade, uma tentação para o artista, uma devoção para o crente, um sorriso para os velhos?

Todos os dias, ás quatro horas da tarde, eu a encontrava perto da Havaneza, a apregoar, alegre, as suas pastilhas, e a offerecel-as gentilmente aos que passavam.

A essa hora, o Chiado toma um tom elegante, empertiga-se, e no seu thorax de colosso recebe o rodar continuo de mil carruagens enfloradas de mulheres, em que a carnalidade é d'uma provocação irritante, ou a candura se entreabre n'um doce sorriso, emquanto nos seus passeios de asphalto, passam *ladies* altas e desembaraçadas, levando pela mão umas creanças desenvoltas, ou precedendo amas de rosto deslavado, que amparam nos braços uns *babies* adoraveis, de olhos azues e cabellos louros.

Como elle sorri orgulhoso, apanhando o sol quente, com a indolencia caracteristica d'um *Angora*!

Nas *montres* dos seus armazens elevam-se pyramides de velludos, setins e pellucias, d'onde se desenrolam rendas finissimas, e em cujo vertice se abrem leques caprichosos, ou se levantam em arco plumas encrespadas; nos hombraes das lojas, *habitués* ociosos elevam a voz para citar um cavallo ou uma *cocotte*, um dito de espirito ou um calão de opereta; e os empregados publicos sobem pachorrentamente, parando um bocado á porta da Havaneza a ver as mulheres que passam.

D'ahi a duas horas, o sol começa a desapparecer deixando no azul, que empallidece, uma tinta vermelha e brilhante; ao rodar das carruagens elegantes succede-se o arrastar aspero e vagaroso de carroças; os *habitués* vão abandonando os seus postos; os empregados já estão em suas casas; e no meio d'um *zum-zum* cadenciado, como o roncar d'uma machina, cortado agora e logo pelo assobio d'um *couplet* em voga ou por um pregão de jornaes, desfila em marcha triumphal uma multidão enorme de operarios, trabalhadores, vendedores ambulantes, costureiras, raparigas das fabricas e dos *trottoirs*; e, em vez das creanças alegres, louras e rosadas, encontram-se umas creanças sujas e rotas que nos pedem esmola com lagrimas na voz e muita fome no estomago.

E sobre todo este barulho de outro genero, mais forte, respirando vida e trabalho, sentia-se o mesmo pregão da Conchita, secco e vibrante, dominando todas as vozes, todos os sons, e morrendo no espaço... como as ultimas notas d'uma canção tyroleza perdendo-se ao longe no recorte caprichoso de alcantiladas montanhas!

Todas as vezes que encontrava aquella pequena Conchita, que cahiu um bello dia na capital, sem ninguem a esperar, nem saber quem era nem d'onde vinha, apoderava-se de mim uma sensação de dó e tristeza, pelo seu futuro que se via claramente qual era e para onde a levaria.

Aquella creança que começava tão cedo a ganhar o pão pelos *trottoirs*, que se mettia agora por entre este grupo de homens a agarral-os e puxal-os, para lhes arrancar soffregamente o dinheiro, e em seguida se escapava ligeira para ir a outro grupo recorrer, de novo ao seu modo de vida, preparava com toda a certeza e inconsciencia, um bem desgraçado fim para a sua vida de mulher.

Pequena bohemia, creada na portaria das ruas, no respirar fetido dos ditos canalhas, e na comprehensão devassa dos olhares provocantes, o que então a protegia, dando-lhe encantos de creança adoravel—a sua edade e a sua innocencia,—era exactamente o que havia de perdel-a depois, dando lhe encantos de mulher.

O que pensaria Conchita de todo aquelle mundo de creanças bem vestidas, lavadas e sem fome, que passavam junto d'ella, lhe tocavam com seus vestidos caros e lhe sorriam?

O que sentiria ao ouvir-se, como um palhaço, a gritar á multidão, ao ver-se abandonada no meio d'uma enorme massa de desconhecidos que a apontava e contemplava, estudando e prevendo, por vezes, as formas futuras do seu corpo infantil?

Sem duvida que a consciencia e a imaginação despertavam n'aquelle pequenino cerebro alguma ideia triste, alguma recordação saudosa de seus primeiros annos, alguma previsão d'um futuro negro, porque no meio de toda a sua alegria e vivacidade, no meio do seu berrar atroador, havia espaços em que a sua voz se calava, os seus braços gordos e curtos se appoiavam sobre o cabaz das pastilhas, as suas palpebras cahiam brandamente, as rosas das suas faces empallideciam, e toda ella se ficava n'uma attitude muda, contemplativa, de creança scismadora.

A nuvem passava, porém, rapidá; n'um momento ella erguia a sua formosa cabeça, e lançando os cabellos para traz, escancarava os labios e atirava para o espaço o seu pregão ainda mais vibrante, como a querer abafar com o barulho da sua voz as dores e lastimas do seu pequeno coração.

Pobre Conchita! Adivinharia ella a sorte que a esperava, que viria talvez a ter de apagar do seu pensamento as deliciosas palavras—patria e mulher, de arrancar do seu coração o sentimento do amor?

Quem podia ella amar? Mãe não a tinha; pae...

Uma noite, descia o Chiado e vi uma grande quantidade de povo parada á porta d'uma loja. Fui observar o que acontecera. A Conchita soluçava, arrancava os cabellos, porque um policia queria prendel-a por ella ter cuspido na cara d'uma varina. Intercedi por ella e consegui que a soltassem; depois disse-lhe:—E' melhor ires para tua casa.

E' indiscriptivel o desespero, a angustia, a tristeza com que a pobre creança se voltou para mim e respondeu:

—Mas não sabe, senhor, que tenho de vender todas as pastilhas esta noite?

Quantos maus tratos não representariam para a Conchita as pastilhas que voltavam para casa?!

E enxugando os olhos, atravessou a rua, cortando o espaço com a sua voz vibrante que lhe abafava as lagrimas, lhe atordoava o cerebro e lhe adormecia o coração.

Depois apenas a vi umas tres vezes, e d'ahi a pouco ninguem sentiu mais no Chiado o seu pregão tão original.

Já passaram quatro annos. Ha dias, atravessando uma rua d'um velho bairro de Lisboa, senti n'uma taberna immunda, entre toques desafinados de guitarras e ditos obscenos, uma voz de mulher, que soltava, entre gargalhadas roucas, o mesmo pregão que se prolongava por todo o Chiado e ia morrer no espaço, como as notas d'uma canção tyroleza, perdendo-se ao longe no recorte de alcantiladas montanhas.

Pobre Conchita!

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI.

AS NOSSAS GRAVURAS

Galeria de homens notaveis

O DR. BOCAGE

Dirigiu até ha pouco a pasta dos Negocios Estrangeiros, fazendo parte do ultimo gabinete regenerador, e é descendente do grande poeta arcadiano, Manuel Maria Barbosa de Bocage.

O dr. Bocage estudou medicina em Coimbra e chegou a exercer a clinica em Lisboa; mas conhecendo que não nascera para succeder a Hypocrates, apesar de ter sido laureado no curso medico, deixou-se de receitar e dedicou-se de corpo e alma aos estudos zoologicos, que eram o seu enlevo.

Aos 26 annos d'edade, era nomeado lente substituto da cadeira de Zoologia na Escola Polytechnica, e pouco depois lente proprietario, tornando o seu nome conhecido no mundo scientifico, pela maneira notabilissima como regia aquella cadeira e pelo valor dos trabalhos scientificos devidos ao seu grande talento.

A formação do muzeu zoologico, da Escola, essa maravilha admirada por nacionaes e estrangeiros, é obra do dr. Bocage.

O seu nome firma alguns livros de sciencia muito notaveis, distinguindo-se entre elles a *Ornithologia de Angola*, fructo de muitos annos de trabalho aturado, que foi recebido com alvoroço pelos homens d'estudo de todos os paizes e collocou o seu auctor ao nivel das primeiras capacidades de hoje no reino universal da sciencia.

Além de zoologista notabilissimo, o dr. Bocage é um geographo muito distincto, tendo se dedicado com particular interesse ao estudo das nossas colonias. A perseverante exploração scientifica de José Anchieta, no Ultramar, a elle se deve.

O dr. José Vicente Barbosa du Bocage é socio da Academia Real das Sciencias e das mais classificadas sociedades sabias do mundo.

Como diplomata, concorreu com os seus talentos, a sua prudencia e o seu bom senso para que fosse resolvida satisfatoriamente, em 1878, sendo então deputado, uma pendencia entre Portugal e Hespanha, por causa dos pescadores de ambos os paizes.

Bastou este acto da sua curta vida diplomatica para demonstrar as suas aptidões como politico.

O dr. Bocage foi nomeado par do Reino em 1881, e gerio ulmamente as pastas da marinha e dos estrangeiros.

JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE PINTO

Por morte do visconde de Soares Franco, foi-lhe confiada a commandancia geral da Armada, cargo que exerce com subida intelligencia e applauso unanime dos nossos officiaes de marinha.

O conselheiro Andrade Pinto é hoje vice-almirante e gastou

VÊ COMO ESTÁ BONITA?

60 annos, desde a data do assentamento de praça, para conquistar aquelle honrosissimo posto. Basta isto para se ver que a posição adquirida pelo illustre marinheiro foi ganha, não por favor da sorte, mas por meio de interminaveis trabalhos e sacrificios.

O bravo militar conta nos seus feitos d'armas, além da tomada da praça de Valença, a que concorreu com a guarnição do *Vouga*, a defeza do sobredito brigue, nos dias 15, 16 e 17 de janeiro de 1847, em Vianna do Minho, contra as forças da junta revolucionaria do Porto.

Commandou muitos navios; tem dado, durante a sua longa carreira official, verdadeiros exemplos de patriotismo, e exerceu, em differentes epocas, com superior intelligencia e zelo não vulgar, as commissões de serviço mais honrosas e importantes que podem confiar-se a um official de marinha.

CAETANO D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

O conselheiro contra-almirante Caetano d'Almeida e Albuquerque, é um marinheiro illustre, sobrecarregado de serviços prestados ao paiz na vida militar e no exercicio d'altos cargos de representação politica.

A sua biographia já se acha escripta: consta do registro feito em alguns dos livros e documentos archivados no ministerio da marinha e do ultramar.

Como official, exerceu no mar as funcções do Commando superior da Estação Naval d'Angola e de commandante da corveta *Duque da Terceira*, vapor *Mindello*, canhoneira *Maria Anna* e escunas *Cabo Verde* e *Duque da Terceira*, conquistando sempre a estima e o respeito das equipagens, dando exemplos d'activo e leal serviço, de valor e de intelligencia notaveis.

Governou, quasi sem interrupção, o archipelago Cabo-Verdeano, a provincia de Angola e o Estado da India, desenvolvendo, em todos estes importantes governos, a sua poderosa iniciativa nos emprehendimentos e na reorganisação de serviços, e revelando sempre muito senso pratico e grande independencia d'acção.

Em 1883 desempenhou as espinhosas funcções de chefe superior do districto de Lisboa, mantendo-se sempre á altura da sua reputação e fazendo respeitar a lei, sem deixar de conciliar os interesses dos seus administrados com os da causa publica.

O conselheiro Caetano d'Albuquerque é, em resumo, uma das capacidades provadas da nossa marinha de guerra, e um dos funccionarios de maior renome nas regiões burocraticas.

TOCADOR D'ALDEIA

Quando o moço tocador apparece no largo da aldeia, fazendo ouvir os sons alegres da sua flauta pastoril, toda a rapaziada miúda do sitio corre a agrupar-se em roda d'elle, muito contente e risonha, doida de jubilos e de enthusiasmo.

N'um abrir e fechar d'olhos, o juvenil flautista vê-se apertado n'um circulo de creanças, de homens e de mulheres, cada qual mais fascinado pela sua musica festiva e galhofeira.

A pasmaceira desanda quasi sempre em bailarico, principalmente nas tardes amenas de verão, á hora do pregar da agulha.

EM TIROCINIO PARA MAE DE FAMILIA

Usa ainda fatos curtos a deliciosa creança da nossa estampa, mas já tem a noção dos deveres e cuidados maternos, e haveis de vel-a muitas vezes chamar filha á boneca, devorando-lhe com beijos acariciadores os olhos de crystal.

N'este momento acabou ella de lhe vestir umas saias novas do trinque, com todo o esmero de mãe experimentada, e trata de lhe fazer as tranças, enfeitando-as nos extremos com vistosos laços de fita côr de rosa.

Segundo todas as probabilidades, sae-nos d'ali uma *mater familias* de se lhe tirar o chapeu!

VÊ COMO ESTÁ BONITA?

Aquellas duas endiabradas, não sabendo já em que entreter os seus ocios, vão-se á velha avósinha, emquanto esta fia descuidadamente na dobadoira, e engrinaldam-lhe de rosas a alva touca. Depois, muito risonhas, obrigam a velhota a mirar-se n'um espelho e perguntam-lhe em tom de mofa:

—Vê como está bonita?

Ao que parece, a avó não desgosta de se ver assim tão garrida, enfeitada como um palmito, e acaba por achar muita graça á lembrança das netas.

Se ella está na segunda meninice e é duas vezes mãe!

O NIAGARA

A nossa gravura representa o ponto em que o Niagara, famoso rio americano, muito conhecido pelas suas cataractas, entra no lago Ontario.

O Niagara une os lagos Ontario e Erié e separa os Estados Unidos do Canadá. No meio do seu curso é que se encontram as cataractas; e as suas aguas divididas ali pela ilha das Cabras, precipitam-se em dois rapidos, de uma altura de 50 metros.

O Niagara tem um curso de 60 kilometros, e é atravessado, proximo da maior queda, por uma ponte atrevidamente suspensa.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

A perfida cidade é uma fortificação—2—2.
Na Africa, além e aqui é sempre instrumento—1—1—1.
Na musica e no livro immediatamente se forma uma arma—1—1—1.
Na musica sempre brilha uma moeda—1—1.
Depois de ferida zombava do peixe—3—2.
Come um animal est'outro—2—2
Na Italia entrega uma flôr ao filho de Esculapio—1—1—3.

AMADEU WRAUNITZ

Eu tenho doce muito fino d'assucar—2—1—1.
Não é lá na serra que ha marisco—1—2.
E' muito grande para mim, mas é finissimo este fructo—1—1—1.

E. PANCADA.

EM VERSO

Com o que vos disser esta primeira—2
Do que n'esta segunda se vos diz—1,
Dei um *todo*; mas foi de tal maneira,
Que feri, sem o qu'rer, um infeliz.

Eu começo no começo,—1
Mas sirvo tambem de fim:—2
Quando ás vezes appareço,
Nem todos gostam de mim.

E' principio de tudo, em tudo está—1
E mundo até sem elle não houvera;—1
Onde o seculo finda, lá estará—1
E tudo acaba ali... um nome... a era...

Nunca está em harmonia—2
E escarnece a cada instante—1
Um velho que tem bastante...—3
O que faz grande arrelia.

E. PANCADA.

Aos mestres

(O primeiro decifrador que enviar a decifração ao meu amigo Alberto Fernandes, na rua de S. Lazaro, em Braga, receberá como premio as *Paisagens* de Bulhão Pato).

Quando ao longe o teu todo scintillava,
Mostrando, perante a luz, mago fulgor,—2
Em mim desejo ardente já pulsava
De te adorar, mulher, com louco amor.—2

E se mais tarde tu, arrependida,
Tristeza revelasses no semblante,
Uma lagrima só, por ti vertida,
Seria *assim*... purissima, brilhante.

Braga. J. VELLOZO.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

Mulher—1—6—3—9—5—2
Mulher—1—2—7—5—9—2

Mulher—5—2—3—8—4—8—2
Mulher—7—10—1—2—3—2

Instrumento

IRMÃOS LEIGOS

(Ao charadista Albano Lucio de Lima)

4—2—4—10—5—8—3—2— A —2—4—10—9 5—8—3—2
2—4—8—7—8—3—2— R —6—8—4—5—8—9—2
2—6—4—7—8—2— V —10—6—2—8—2
10—6—4—10— O —2—6—10—5
10—6—2— R —2—8—3—8
3—10—4—7—8—9—2— E —2—4—8—5—8—9—10
2—9—10—7—8—3—2— S —6—8—4—10—7—8—3—10

Arvore bem conhecida
Haveis de ver,
Se deres com o conceito,
O que é de crer.

(A Joaquim José d'Almeida)

Villa de Portugal —1—8—6—5
» — » —7—5—8—5
» — » —1—2—8—4—5
» — » —5—6—7—5—3—8—9
» — » —1—2—6—4—5—7—2—5
» — » —9—2—6—8—7—5
» — » —9—5—7—2—5
» — » —1—5—8—5
» — » —1—2—6—5

VILLA DE PORTUGAL

PETIT DIABLE.

PROBLEMA

Alberto estuca $\frac{7}{30}$ d'uma casa em 5 horas; Arthur estuca $\frac{5}{16}$ do resto, em duas horas e meia; e Napoleão conclue a obra em 8 horas. Pergunta-se quanto tempo levariam todos tres a estucar a casa, trabalhando juntos.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Regalo—Eurico—Pedante—Girafa—Caminha—Carmelina—Petia.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Ladravaz—Prima-dona—Felicidade.

DAS CHARADAS TELEGRAPHICAS:—Adem—Romanza.

DOS LOGOGRIPHOS:—Primavera—Cinocephalo.

DO PROBLEMA:—Os numeros são 28 e 42.

EXPEDIENTE

Enviaram-nos a decifração do logogripho do n.º 35, posto a premio, os ex.^mos srs. José da Rocha e Cunha, Candido de Passos Rocha Pereira, José Jacintho Curto, Eugenio Pedro Gonçalves, Xavier Rodrigão, Antonio da Trindade Cardoso e Silva, Manuel Frederico de Guimarães, Antonio Gonçalves Rosa, G. Caetano, João Carlos Monteiro Torres, Joaquim Martins Bispo Junior e Joaquim David Galheto.

Tem direito ao premio o ultimo d'estes cavalheiros, residente em Castello Branco.

A RIR

Um velho agiota encontra um devedor mais novo do que elle vinte annos, a quem diz:

—Veja se me procura um dia d'estes, para que possamos saldar as nossas contas... Como pode suppor, não tenho desejo algum de vir a entrar em litigio com os seus herdeiros!

*

Entre noivos:

Elle, com olhar cheio de ternura:—Não te recordas com saudade da tua vida de solteira?

Ella, com amavel abandono:—Nem penso n'isso!... E tanto que se tu morreres, tenciono tornar a casar em seguida!

UM CONSELHO POR SEMANA

DESINFECÇÃO DA MANTEIGA RANÇOSA

Para desinfectar a manteiga rançosa, toma-se uma certa porção de chlorureto de cal, que se dissolve em duas vezes o seu peso d'agua ordinaria, filtrando depois tudo atravez d'um panno. Tritura-se a manteiga n'um banho d'agua, a que se juntaram 100 grammas d'aquella dissolução por cada litro d'agua e cada kilogramma de manteiga. Esta ultima perderá todo o seu mau gosto.

THEORIAS FEMININAS

Arte de vestir

Se as leitoras da *Illustração* me permittem, conversaremos um pouco ácerca de uma das variadas e innumeras formas da esthetica applicada á existencia quotidiana; tentarei expor-lhes, segundo o meu modesto ponto de vista critico, e tal qual ella se me afigura dever ser, o que constitue a arte de saber vestir, da qual depende, muito mais do que suppõem, a inapreciavel sciencia de nos fazermos amar.

E' principalmente pela toilette que uma senhora consegue fixar a attenção e attrair a sympathia das pessoas que a vêem passar; é do seu vestuario simples e elegante, da correcta harmonia na adaptação das côres e na disposição dos adornos que imprimem por assim dizer uma phisionomia ao fato que usamos; é da nitidez da sua pelle assetinada e fresca, do escrupuloso asseio do seu cabello, onde não deverá apparecer nunca uma suspeita de caspa, da alvura e brilho dos seus dentes, do subtil e casto aroma que a envolve e a denuncia, como o delicado perfume da violeta revela a existencia da flor occulta no denso manto da folhagem; é de todos esses pequenos nadas, apparentemente insignificantes, que provém o prestigio, a fascinação irresistivel e o doce imperio cheio de seducção, que ella exerce, não só nos entes que a amam, mas em todos aquelles que se lhe approximam.

E' para estas mulheres, excepcionalmente dotadas e deliciosamente vestidas, é para estas musas do lar que os poetas reservam as infinitas adorações e os religiosos cultos: são estas mulheres que deixam nas existencias por onde passam, com a sua fina graça serpentina, um sulco luminoso; são ellas que dão, em troca do amor que inspiram, a felicidade suprema, superior ás vulgares inconstancias, aos dolorosos e amargos desencantos.

E esta soberana realeza, a que nenhum homem recusa a vassallagem do seu rendido coração, este encanto subjugador, que á primeira vista parece um dom sobrenatural, uma qualidade innata, um dote nativo, obtem-se pelo mais accessivel e menos complicado de todos os processos, mediante o exercicio de uma simples theoria que se chama *bom senso* e *bom gosto*.

O doutor Monin, um sabio medico francez, publicou ultimamente um curioso livro, que recommendo vivamente ás leitoras da *Illustração*. Trata esse livro, que encerra um interesse especial para todas nós, mulheres, da belleza e da sua hygiene.

Dizia madame de Girardin, que o primeiro dever da mulher é ser bonita.

O doutor Monin ministra-nos no seu utilissimo livro preciosos ensinamentos ácerca da arte de aperfeiçoarmos ou emendarmos a natureza, em proveito de nossos dotes phisicos, e da influencia moral que elles exercem na elevada esphera do sentimento, de que depende, em maior ou menor escala, a felicidade de cada um dos entes que compõem a vasta familia humana.

A belleza e a fealdade continuam a ser, a despeito de todos os desdens philosopicos, as grandes questões capitaes, a que se subordina a existencia da mulher e até mesmo a do homem.

No meio das acclamações enthusiasticas que acolheram o principe de Bismarck, por occasião da sua ultima viagem ás provincias allemãs, uma mulher gritou na rua, ao vêr passar o chanceller de ferro:—Este endemoninhado Bismarck é sempre o mesmo que era ha dez annos!...

A condessa Maria de Rantzau, filha de Bismarck, refere que este grito, que chegára ao coração do chanceller, foi a impressão dominante e indelevel, superior a qualquer outra, que elle trouxe da sua triumphal odyssea.

Reformar o mechanismo do corpo humano, no que elle tenha de vicioso ou de imperfeito; fazer que os obesos sejam ou pareçam menos gordos, que os magros não se confundam com os esqueletos, que a arte corrija a natureza, eis um dos principaes intuitos da doutrina do eminente clinico francez.

Faça a leitora depender d'esta doutrina, que só de relance e muito summariamente lhe estou indicando, o seu vestuario, as

minudencias do seu toucador, as suas maneiras, os seus habitos, a sua linguagem e até a sua alimentação.

Faça da sua existencia uma boa e util realidade, attrahente, elegante e bonita, destinada a acabar para sempre com a comedia dos ideaes romanticos e esgrouviados, em que a mulher petreficada na sua perpetua ignorancia, como uma bonequinha de biscuit adornando symetricamente uma *etagère* e fazendo *pendant* a outro bonequinho não menos ridiculo, servia apenas para inspirar lindos madrigaes aos vates incomprehendidos, que riam á socapa da fragilidade e da inutilidade da pobre musa de porcellana pintada.

Ordinariamente, a mulher mantém ácerca da sua individualidade externa e interna e do papel que ella é chamada a representar na sociedade e no lar domestico, a mais falsa e pueril de todas as comprehensões.

As superficiaes noções educativas que adquiriu no collegio, o convencionalismo banal das salas, o exemplo, altamente funesto, de umas amigas vaidosas e estupidas que não vivem senão para cultivar o namoro e o figurino; o lausperenne de intergeições hyperbolicas e finezas assucaradas que lhe distillam no ouvido, gotta a gotta, os amaveis mancebos de poupas e sapato de bico; a falta de uma elevada orientação e de uma rigorosa disciplina mental, aggravadas pela leitura do romance dissolvente, arrastam-a para o extremo opposto áquelle de que não devia sahir nunca e fazem d'ella o ente mais infeliz, mais ludidriado e o que menos póde entender, sentir e realisar as infinitas aspirações de uma alma superior e digna.

Á excepção dos Estados Unidos, da Allemanha e da Suecia, a educação da mulher continua a ser em todos os paizes o problema, não resolvido pelos legisladores, e constantemente explorado pelas *bas bleus* de barrete phrygio, que propondo-se discutil-o, não conseguem senão ridicularisal-o!

E no entanto, é principalmente da educação da mulher, votada ao abandono pelos poderes constituidos, que depende em absoluto não só a felicidade do homem, como o futuro prospero das sociedades.

O NIAGARA

Analisemos, por agora, uma das mais frequentes origens do divorcio, o moderno *phylloxera* da familia, na parte que se relaciona com a epigraphe d'este artigo.

*

Em geral as mães, pobres mulheres ignorantes que pouco mais conhecem do mundo alem do espaço comprehendido pela rua em que rezidem, ao transmittirem a suas filhas os conselhos que lhe foram em tempo ministrados pelos seus respeitaveis progenitores, bons e inoffensivos burguezes, nutridos a sopa vacca e arroz, dizem-lhe:—Filha, o Peccado, esse *Belzebuthe* que ia perdendo santa Maria Magdalena, que tem a impudencia de entrar nas thebaidas dos cenobitas e que ousou tentou Jesus; o Peccado, o nefando, o scelerado, o reprobo, queres tu saber, filha, onde elle se occulta para armar-te ciladas? Na tua mocidade, na tua belleza, nas tuas *toilettes*, no riso vermelho da tua bocca, no brilho aveludado dos teus olhos, na curva torneada e branca dos teus hombros. Menina, o Peccado é a formosura!

«A virtude, prégada pelo nosso confessor, a virtude, que canonisa as santas e divinisa as esposas, essa é feia, velha, tropega, desdentada, veste mal e não se lava: a virtude, filha, sou eu!

E' pois sob o aspecto de uma cidadella inexpugnavel, de uma especie de masthodonte de saias, de uma creatura feia e forte, sem nenhuma das flexiveis graças do seu sexo, falando alto, com a voz trovejante e rouca de um capitão de milicias, que a virtude se apresenta aos olhares das meninas,—futuras esposas e mães.

Convicta de que é absolutamente indespensavel fazer-se feia para parecer virtuosa, a donzella que no exercicio da sua laboriosa tarefa de obter marido, e durante as successivas fases do namoro preambular, esgotou todas as complexas formulas da arte de agradar, adstricta ao incompleto e falseado programma, redigido pelo seu pequenino cerebro ôco como uma pella, resolve, depois de colher o pomo appetecido, esgotar, com o mesmo ardor convicto, todas as variadas formulas do desmazelo!

O marido pertence-lhe, não póde, por mais que faça, pertencer a outra, a estola do padre sellou para sempre a braga que ambos hão de arrastar atravez da vida; elle jurou-lhe, diante de Deus, um amor eterno, e na garantia tranquillisadora d'esse juramento ella poderá deixar cair, sem medo, a mascara de elegancias ficticias que usara, com sacrificio, por espaço de algumas semanas.

E' evidente que ninguem lhe negará o direito de dispor do seu homem, desde que o levou, submisso e apaixonado, aos pés do altar; as suas caricias hão de governal-o; bastar-lhe-ha abrir os braços para o ver escravo dos seus menores caprichos.

O primeiro quarto da lua de mel alimenta-lhe a doce illusão.. Elle fala-lhe a *sottovoce*, com tremulos de beijos que a inebriam, e ella esquece, se é que a leu, a maliciosa phrase de madame de Girardin: *Quel dommage que l'homme qui nous épouse devienne fatalement notre mari.*

Desde o momento em que o marido, o seu homem, a adora, que necessidade tem ella de fazer gastos de *toilette* para lhe agradar?

Se elles vivem juntos, partilhando o mesmo quarto e comendo á mesma mesa, se tudo lhes é commum, é claro que ella não pode esquivar-se a apparecer-lhe, como apparecia d'antes aos paes, aos creados e ás amigas, isto é desgrenhada, em chinelos, com a golla suja e o chambre amarrotado e descosido, tanto mais que, consoante a maxima materna, esse chambre, essa golla e esses chinelos são o baluarte e o augusto symbolo da sua casta virtude de esposa, que morreu para o mundo.

Desgraçadamente, porém, mas pela mais logica das deducções, o marido não partilha as mesmas idéas: a virtude de sua esposa, mal vestida e mal penteada, desperta-lhe uma vaga sensação de nojo; o santo desmazelo a que ella se abandona asphixia-o, como um ambiente viciado onde falta o oxigenio indispensavel aos orgãos respiratorios; a mãe dos seus filhos parece-lhe inferior á sua cosinheira, e superiores pelo asseio, pela elegancia, pela maneira de vestir, de fallar e de apresentar-se, todas as mulheres que encontra, e que pelo facto de não serem suas o arrastam a pensamentos criminosos, ao mesmo tempo que o obrigam a confrontos terriveis.

Desde então o *ménage*, que podia ser para elle um suave paraizo de ineffaveis venturas, onde lhe fosse dado descançar tranquillamente das fadigas da vida, das luctas devastadoras, dos combates sem treguas com a fortuna cega e tantas vezes hostil, afugenta-o, aterra-o, e quando de fugida atravessa a casa, com tanto amor iniciada, depositaria de tantos jubilos extinctos, de tantos sonhos, de tantas esperanças frustradas, como um forasteiro expatriado atravessando uma cidade estranha, o que elle experimenta é o surdo e amargo rancor contra essa mulher que mentiu á sua espectativa e o remorso de ter ido pedir a outra a felicidade que ella não soube ou não quiz dar-lhe.

GUIOMAR TORREZÃO.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA